



**AS BRUXAS NOS CONTOS INFANTIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA
ALEGORIA MALEFICA DO FEMININO**

MICHELLE COSTA DE SOUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.



CAMPUS DE IMPERATRIZ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITACÃO EM JORNALISMO

MICHELLE COSTA DE SOUSA

**AS BRUXAS NOS CONTOS INFANTIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA ALEGORIA
MALEFICA DO FEMININO**

Imperatriz – MA

2022



MICHELLE COSTA DE SOUSA

**AS BRUXAS NOS CONTOS INFANTIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA ALEGORIA
MALEFICA DO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social / Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Emilene Leite de Sousa

Imperatriz – MA

2022



MICHELLE COSTA DE SOUSA

**AS BRUXA NOS CONTOS INFANTIS: A CONSTRUÇÃO DE UMA ALEGORIA
MALEFICA DO FEMININO**

Aprovado em: 26/ 07/ 2022

BANCA EXAMINADORA

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Emilene Leite de Sousa'.

Profa. Dra. Emilene Leite de Sousa

(Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Luciana S. Souza'.

Membro da banca

Profa. Dra. Luciana da Silva Souza Reino

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Marcelli Alvez da Silva'.

Membro da banca

Profa. Dra. Marcelli Alvez da Silva



AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a mim mesma por ter escolhido o ensino superior público, sou grata a minha mãe Francinete Nascimento Costa, por ter me apoiado nesta decisão e a minha orientadora Emilene Leite de Sousa por ter ajudado a concretizar esse objetivo da minha vida. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), “obrigada” será pouco para expressar tamanho sentimento de gratidão que sinto por tudo e todos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.



CAMPUS DE IMPERATRIZ

“Não se esqueça de nada. Lembre-se de tudo e supere. Se não superar, sempre será uma criança cuja alma nunca floresceu”.

(Kdrama, It's Okay to Not be Okay)



*Quando floresce, é como uma rosa
Quando se espalha, é como flor de cerejeira
Quando murcha, é como ipoméia
Como aquele lindo momento
Eu sempre quero ser o melhor
Eu não acreditei (realmente)
Se seríamos capazes de superar ou não
Um milagre que não é um milagre
Será que nós fizemos isso?
(Não) eu estava aqui
E você veio até mim
Eu acredito na sua galáxia
Eu quero ouvir sua melodia
As estrelas de sua Via Láctea
Você me deu o melhor de mim
Então você dará a si o seu melhor
Então eu vou te encontrar, a galáxia que há dentro de
você.*

(Magic Shop – BTS - Bangtan)



RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, compreender o surgimento da personagem da bruxa a fim de entender como a construção dessa figura foi moldada numa espécie de alegoria maléfica do feminino e retratada desde a mais tenra infância, sendo largamente utilizada nos contos infantis Rapunzel, João e Maria e A bela adormecida dos irmãos Grimm. O percurso metodológico que norteou a pesquisa foi a análise do discurso foram aplicados os pensamentos do teórico: Michel Foucault (1975,1999, 2011), numa teoria de interpretação dos discursos, de sua transmissão de ideologias e significados. Dos estudos culturais, onde foram aplicados os pensamentos dos teóricos: Stuart Hall (2006) Judith Butler (2003), que exploram as formas de produção e criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais por meio de revisão bibliográfica sobre o conceito de gênero. No conceito de bruxa foi utilizado pensamentos do teórico: Jean Delameau (1989). A fim de entender como a construção dessa figura se consolidou como agente do mal. Foi possível perceber como o machismo aliado ao clero e demais instituições dominantes da época, instaurou sua tentativa de dominação dos corpos e das vidas femininas por meio dos discursos de bruxaria, rompimento da cristandade e medo da figura feminina que ousasse não se adequar aos padrões sociais, políticos e patriarcais preestabelecidos. Mais adiante utilizando dessa personagem na literatura para educar os infantes e causando temor e aversão dessas mulheres, aspectos identificados nos contos analisados.

Palavras – chave: Bruxa, alegoria maléfica, feminino



ABSTRACT

The present work aims to understand the emergence of the witch's character in order to understand how the construction of this figure was shaped in a kind of malefic allegory of the feminine and portrayed from the earliest childhood, being widely used in children's tales Rapunzel, John and Marie and Sleeping Beauty by the Brothers Grimm. The methodological course that guided the research was the analysis of discourse, the thoughts of the theorist Michel Foucault (1975, 1999, 2011) were applied in a theory of interpretation of discourses, of their transmission of ideologies and meanings. From cultural studies, where the theorists' thoughts were applied: Stuart Hall (2006), Judith (2003), who explore the forms of production and creation of meanings and their diffusion in today's societies through a bibliographic review on the concept of gender. In the concept of witch, the theorist's thoughts were used: Jean Delameau (1989). In order to understand how the construction of this figure was consolidated as an agent of evil. It was possible to perceive how chauvinism, allied to the clergy and other dominant institutions of the time, established its attempt to dominate women's bodies and lives through witchcraft speeches, rupture of christianity and fear of the female figure that dared not to adapt to social standards, political and patriarchal pre-established. Later, using this character in literature to educate children and causing fear and aversion to these women, aspects identified in the analyzed stories.

Keywords: Witch, malefic allegory, feminine



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
·	
O contexto sócio-histórico, lugar da mulher na sociedade conservadora.....	13
O papel da igreja e do patriarcado na eleição de mulheres em bruxas	16
De que forma a inquisição usou a aproximação da mulher com a natureza na condenação a bruxaria.....	20
Percurso metodológico.....	24
Itinerário Teórico.....	26
Irmãos Grimm.....	28
·	
As bruxas nos contos infantis.....	30
Breve introdução sobre os contos infantis.....	31
JOÃO E MARIA.....	32
RAPUNZEL.....	36
A BELA ADORMECIDA.....	40
CONCLUSÃO/ CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	49

INTRODUÇÃO

Desde criança meus personagens favoritos na literatura e cinema foram as bruxas. Durante este período eu sempre tive muitas perguntas mais nenhuma resposta satisfatória ou alguma linha de raciocínio que suprisse minha curiosidade sobre essa personagem e o que de fato ela representava. Sempre inserida numa comunidade religiosa eu me perguntava o porquê de mulheres terem sido queimadas vivas em praça pública servindo como exemplo. Porque elas sempre eram descritas como portadoras de um temperamento, atrelando a condição física pouco atrativa, ou a beleza exacerbada para seduzir e induzir o homem ao mal.

Em contato com a disciplina de “Crítica das mídias”, ministrada pelo professor Thiago Pereira Falcão, produzi um artigo para a obtenção de nota final da disciplina, sob orientação do mesmo, fazendo uma comparação entre o filme matrix e a sociedade disciplinatória de Foucault, abordada em sua obra Vigiar e punir (1975). Foucault sendo um dos autores que - através da análise do discurso - sempre respondia aos meus questionamentos e me mostrava o que tinha por detrás das cortinas das encenações sociais.

A disciplina Crítica das mídias me deixou encantada em relação à pesquisa científica, o professor Falcão sempre respondia todos os meus questionamentos acadêmicos, e debatemos durante uma de suas aulas sobre o filme A Bruxa (2015) dirigido por Robert Eggers. Durante a discussão em sala o professor refletiu sobre ressalvas que eu tive ao longo da obra, sobre uma espécie de eleição da mulher como bruxa feita pela igreja, pelo patriarcado e todas as discussões sobre o feminismo envoltas na obra, isso me fez perceber que minha visão não estava errada quanto à construção de uma alegoria maléfica do feminino.

Segundo afirmam Eherenreich e English (1984, S. 13), as bruxas não surgiram espontaneamente, mas foram fruto de uma campanha de terror realizada pela classe dominante. Poucas dessas mulheres realmente pertenciam à bruxaria, porém, criou-se uma histeria generalizada na população, de forma que muitas das mulheres acusadas passavam a acreditar que eram mesmo bruxas e que possuíam um “pacto com o demônio”.

Essa campanha foi assumida, tanto pela Igreja Católica, como a Protestante e até pelo próprio Estado, tendo um significado religioso, político e sexual. Estima-se que aproximadamente 9 milhões de pessoas foram acusadas, julgadas e mortas neste período, onde mais de 80% eram mulheres, incluindo crianças e moças que haviam “herdado este mal” (MENSCHIK, 1977: 132).

Além disso a ideia de atrelar o estudo dessa personagem aos contos infantis se tornou ainda mais atrativa para mim, quando em 2020 foi lançado o kdrama (serie sul- coreana) *It's Okay to Not be Okay*, ele trouxe como protagonista uma interessante personagem feminina descrita como uma personagem que é a cinderela e a madrasta má ao mesmo tempo, o drama foi considerado uma das melhores séries estrangeiras, pelo *The New York Times* o destaque foi a atuação de Seo Ye-Ji, a atriz ganhou o prêmio de melhor atriz no *Asia Artist Awards* e a serie angariou críticas excelentes.

A história trouxe uma escritora de contos infantis que ressaltava a importância da bruxa nas suas obras, sendo elas as mais belas e sinceras na sua opinião. Além do protagonismo do feminino, a personagem *Go Moon Young*, deixava claro que “um conto de fadas é uma fantasia cruel que descreve e ilustra a brutalidade e a violência deste mundo de forma paradoxal”, servindo para disciplinar as pessoas desde a mais tenra idade. Isso pode ser observado quando as crianças ainda não sabem ler, mas já tem a construção de uma alegoria maléfica quando reconhece o personagem da bruxa nos livros, animações e etc.

Procurando entender o surgimento do personagem bruxa, nos deparamos com a santa inquisição e a eleição de mulheres a feiticeiras e aliadas aos serviços malignos do próprio diabo. À caça às bruxas foi um movimento de perseguição religiosa e social de origem protestante iniciado no século XV, atingindo seu apogeu nos séculos XVI a XVIII, principalmente na Alemanha, Escandinávia, Inglaterra, Escócia, Suíça. Esse movimento foi responsável por configurar as bruxas, os vários estereótipos que são conhecidos atualmente, principalmente na literatura e meios midiáticos. Como foi o caso do filme *O Mágico de OZ* de 1939, como sugere Jacoby:

O aspecto físico de bruxa, explicitado pelo narrador, intensifica, com a metalinguagem, a consciência de imagem construída e caricatural: Tinha um par de olhos perfeitos para uma bruxa, isto é, grandes, esbugalhados, com riscas de sangue e cada um virado para um lado. Motivo de orgulho, o nariz enorme, em forma de bico de papagaio, com a ponta quase entrando na boca de um único dente amarelado e carcomido, compõe o reflexo devolvido pelo espelho, que se completa com o cabelo despenteado, cor de cinza, roupas gastas e esfarrapadas (JACOBY, 2009, p. 89).

Dessa forma a construção maléfica de uma figura feminina satânica continuou a perdurar mesmo depois da inquisição com obras literárias, nos desenhos e no cinema. Causando grande pavor pois na personagem existia uma mistura de ser místico diabólico - maligno e ser humano

feminino, esses sendo um dos mecanismos para causar o medo, terror e aversão ao corpo feminino, isso é notório quanto à narrativa e aparência dessa personagem, quando descrita em obras infantis:

De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém [...]. As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar de muito longe, mas, como os animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto. Quando sentiu João e Maria se aproximando, a velha riu cruelmente (1697, apud MACHADO, 2010, p. 168 e 169).

A pesquisa tem como objetivo analisar a figura da bruxa, utilizada na construção de uma figura maléfica do feminino e representada nos contos infantis dos irmãos Grimm. A partir de estudos, será analisada em relação ao referencial teórico e ao contexto de sua produção a partir da perspectiva do momento histórico e cultural. No qual, superstições até então dispersas convergiram para esta imagem das bruxas, que era a de uma mulher má, aliada do diabo e enlaçada a ele através de um pacto, cuja tarefa era a derrubada da cristandade do forte poder da sedução visual exercida pelas mulheres ou do contrário, a imagem da velha doente e sozinha, da mulher que não aceitou o matrimônio, a castidade ou a maternidade como regimento de vida.

Dessa forma, serão apresentadas obras da literatura cujos discursos colocavam a imagem feminina nesse lugar de alegoria maléfica e de terror e amedrontamento, procurando identificar a imagem da bruxa que na consolidação dessa figura influenciou na cultura opressora que também aparece nos dias de hoje, com os altos índices de feminicídios, se levarmos em consideração a forma como o machismo moldou essa figura feminina, sendo estes os objetivos específicos do estudo.

No contexto da Idade Média, vemos que bruxas eram as parteiras, as enfermeiras e as assistentes. Conheciam e entendiam sobre o emprego de plantas medicinais para curar enfermidades e epidemias nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, eram portadoras de um elevado poder social. Estas mulheres eram, muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para mulheres e pessoas pobres. Elas foram por um longo período médicas sem título. Aprendiam o ofício umas com as outras e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas.

Para dar conta do objetivo desta pesquisa, qual seja, a construção do personagem bruxa como alegoria maléfica do feminino, utilizamo-nos da vertente da análise do discurso, estudos culturais e autores de outras temáticas que possam contribuir no enriquecimento do estudo. De forma indireta, este trabalho fala sobre políticas sociais, feminismo, misoginia, patriarcado e o papel da mulher na sociedade conservadora. Nos próximos capítulos veremos como foi construída

a figura da bruxa e a imagem da mulher sendo o feminino atrelado a algo maléfico. Por fim, trazemos um estudo dessa representação em uma seleção de contos infantis dos irmãos Grimm, sendo eles: João e Maria, Rapunzel, e A bela adormecida, juntamente com as metodologias, itinerário teórico utilizados e os resultados da pesquisa.

O contexto sócio-histórico, lugar da mulher na sociedade conservadora

Bruxas e feiticeiras ganharam destaque a partir da Santa Inquisição, instituída pela Igreja Católica, porém sua presença já existia desde a mais remota Antiguidade (ECO, 2014). Todavia, quem de fato se enquadrava nessas figuras? Quais eram suas atitudes? Por que esses serem representavam tanta ameaça para a fé cristã da época? Perguntas como estas nos permitem entender o contexto sócio-histórico em que essas mulheres estavam imersas.

Sendo assim, o lugar da mulher na sociedade sempre esteve atrelado a ideologias políticas - e a doutrinas religiosas. Sendo essas presenças esmagadoras em qualquer decisão ou poio político durante os séculos, como visto anteriormente. No Brasil não é diferente sendo o catolicismo uma das principais marcas indenitárias do país. Até fins do século XIX, a Igreja Católica era a única instituição religiosa reconhecida oficialmente. Por isso, gozava de proteção do Estado para realizar sua expansão institucional e ao mesmo tempo era atuante na legitimação da colonização portuguesa.

No contexto europeu essa característica não era diferente e a colocação do feminino neste cenário foi de que a maioria das mulheres acusadas e condenadas a feitiçaria eram de origem humilde e sem nenhum poder aquisitivo, sendo elas doentes e velhas ou jovens e belas que recusaram pedidos de casamentos de homens que tinham algum tipo de influência e queriam se vingar delas, ou maridos que queriam contrair matrimônio novamente e desejavam se livrar de suas antigas esposas. Até a mais remota atitude poderia eleger uma mulher a bruxaria e então ela seria morta, mas não por ter ligação com a feitiçaria ou coisa do tipo, mas pelo o fato de ser mulher e ter seus corpos pertencentes aos pais, irmãos, maridos ou Estado e clero, mas nunca delas mesmas. Diante desse cenário obter qualquer tipo de conhecimento que pudesse tirá-las dessa situação era um perigo para a ordem social.

Para Bourdieu (2007), a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (2007, p. 18).

O feminino sendo dominado pelo o masculino e tendo esse poder reforçado por políticas públicas aliado ao clero a forte crença cristã com um cenário de quase que aniquilação das religiões consideradas pagãs, aonde antes mulheres eram objetivo de adoração foi quase que incontestável a onda do que mais a diante seria conhecido como “femicídio”. O homicídio praticado contra a mulher em decorrência do fato de ela ser mulher (misoginia e menosprezo pela condição feminina ou discriminação de gênero). A retratação observada ao longo da pesquisa deixa essas condenações atreladas a questão sócio vulnerável dessas mulheres, no entanto como as mesmas poderiam construir algo sem o consentimento masculino, levando em consideração que políticas públicas eram criadas pelos os homens e para homens.

Essa colocação do feminino sendo motivo de preconceito foi estabelecido por leis, foi regido no Brasil com código civil de 1916. Com a atribuição da entidade familiar e a autoridade do chefe de família, o qual possuía a função de mantenedor da casa em todos os sentidos, fazendo com que os outros membros ficassem subordinados a suas vontades, desejos e ordens. O que pode ser observado diante deste cenário é que as entidades responsáveis de certa forma consideraram vidas masculinas mais importantes para a sobrevivência na esfera social.

A esfera na qual se pode matar sem cometer homicídio e sem celebrar um sacrifício, e sacra, isto é, matável e insacrificável, é a vida que foi capturada nesta esfera [...] a sacralidade da vida, que hoje se pretende fazer valer contra o poder soberano como um direito fundamental em todo o sentido, expressa na origem, ao contrário, precisamente a sujeição da vida a um poder de morte. Sua irreparável exposição na relação de abandono (AGAMBEN, 2007, p. 91).

Butler (2003) em sua obra Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade, reflete sobre a ideia de é como se estivéssemos obrigadas a uma condição biológica como destino, ela utiliza como instrumento de análise a crítica genealógica elaborada por Michel Foucault,

presente em sua obra a partir dos livros publicados durante a década de 1970, sendo os anos 70 envoltos numa forte onda feminista a autora se baseio em obras como: vigiar e punir (1975).

Foucault (1975) acentua a relação entre discurso e poder, a construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social. O teórico cita e discute o exemplo de discursos usados em escolas, prisões, como forma de estabelecer disciplina. Segundo ele, essas instituições se utilizam de estratégias discursivas para fazer com que os indivíduos que passam por elas sejam moldados de acordo com a necessidade do poder.

[...] talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias retificações do gênero e a identidade – isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. (BUTLER, 2003, p. 23).

Observando o lugar em que a mulher foi sendo designada na sociedade conservadora ao longo da história, é perceptível a composição de uma alegoria maléfica na personalidade feminina que não aceitasse as normas de conduta preestabelecidas a ela, pelo patriarcado à política e etc. Isso sendo relacionado com o machismo que construiu essa sociedade que queimava mulheres em fogueiras durante os movimentos opressores contra a figura feminina. Mesmo com as alterações sociais sofridas todo esse cenário histórico – social, é inegável a contribuição disso para a imagem que temos hoje em relação ao feminino com um cenário machista e patriarcal de política inteiramente masculina suprimindo desejos masculinos.

O papel da igreja e do patriarcado na eleição de mulheres em bruxas

A igreja – com o apoio do patriarcado e demais movimentos conservadores e estruturais da sociedade da época - decidiu durante a Idade Média criar uma inquisição religiosa, nomeando mulheres a feiticeiras e tendo isso sido legitimado com a obra “o martelo das feiticeiras”, escrito por monges alemães e publicado em 1486 no original *Malleus Maleficarum* - relatório responsável pelo desenvolvimento da Inquisição - que estabelecia uma vigilância permanente sobre as mulheres, presas fáceis do Demônio, e por isso potencialmente bruxas, que permitiam ao diabo a prática de todas as maldades. Diante disso, esta pesquisa considera importante a percepção e o estudo da construção de uma alegoria maléfica do feminino desta personagem, além dessa figura e da sua representação literária, a partir de textos que constroem tanto a imagem física quanto moral da bruxa, mostrando o potencial maligno de suas práticas e de sua ligação com a sexualidade feminina.

A inquisição caracterizou mulheres como seres diabólicos, através da representação fictícia do personagem Bruxa, imagem essa que até hoje faz parte do imaginário popular e literário. No entanto essas mulheres, em sua maioria, exerciam o trabalho de curandeiras e se tratavam de mulheres simples, porém elas tinham algum tipo de poder diante das camadas sociais menos abastadas. O que todas elas tinham em comum era a proximidade com a natureza e a busca por conhecimento, mesmo com poucos recursos disponíveis.

Contudo, foram os teólogos do século quinze que aperfeiçoaram os elementos que ainda faltavam à imagem "definitiva" da bruxa: o pacto com o diabo e a realidade dos poderes mágicos. Foi uma revolução teológica e jurídica que inaugurou a "caça às bruxas" segundo a obra *Magia e Bruxaria na Idade Média e no Renascimento* de Franco Cardini (1996).

O *Malleus maleficarum* retratava rituais de sexo e luxúria, festas macabras nas quais se comia carne de recém-nascidos, banhos de sangue para rejuvenescer a beleza do corpo da mulher, após danças frenéticas e em transe, as bruxas copulavam com o diabo. Essa obra pode ser considerada como marco da demonização do sexo feminino e das práticas de religiosidade popular configurando-as, então, como heresia, tornando-as passíveis de perseguição e punição.

O livro demonstrava uma personificação maléfica da mulher em bruxa, isso foi construído de forma totalmente patriarcal, machista e opressora. O inquisidor Kraemer atribuiu à mulher a condição de “Bruxa”. Procurando conectar um desvio sexual feminino com a feitiçaria. Nele consta que as mulheres seriam mais fracas que os homens na mente - intelecto e entendimento das questões do espírito - e no corpo – a mulher seria mais carnal que o homem. Sendo o único inquisidor até então a ligar a bruxaria como algo inerente com o sexo feminino; isto para ele era algo simples, um fato verificado por meio de sua própria experiência de ódio contra as mulheres e puro senso comum - e qualquer prova em contrário era prontamente posta de lado por ele, as grandes teses que permitiram esse expurgo do feminino e que são as teses centrais do *Malleus Maleficarum* são as seguintes: como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras). E as mulheres têm mais convivência com o demônio “porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta”, (KRAMER; SPRENGER, 4 teses central, 1484). A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras, é copular com o demônio. Satã é, portanto, o senhor do prazer.

Assim era nítido o medo de que mulheres tendo conhecimento e estudos semelhantes ou acima da média permitida pelos pais, irmãos e maridos, esse conhecimento as levasse a lugares de poder na sociedade. Isso causou a fúria de homens que temiam perder seus lugares em vagas de empregos e serem descreditados para exercer funções antes habilitadas apenas por eles mesmo. Um destes lugares é a medicina que até hoje é um ambiente machista e chefiado por homens.

Segundo reportagem do site O Globo, publicada em 2021. As mulheres são 72% dos trabalhadores da saúde, mas, quando elas alcançam cargos de chefia, a distância salarial em relação aos homens é enorme. Mulheres em posições de liderança no setor ganham, em média, 37% do que recebem homens em cargos equivalentes. É o que apuraram as pesquisadoras Cristiane Soares e Hildete Pereira de Melo, da UFF, ao analisar o emprego na saúde, a partir de dados do terceiro trimestre de 2020 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC), do IBGE. Eles ganham, em média, R\$ 25.073. Elas, R\$ 9.215.

Ou seja, dentro de uma visão patriarcal, era muito conhecimento para uma mulher, provocando uma possível ameaça ao campo da ordem simbólica, eles não iriam permitir a ocupação de mulheres a lugares mais amplos na sociedade e faziam de tudo para impedir isso e guardar seus lugares na história. Sendo assim o poder disperso e frouxo do sistema feudal para sobreviver é obrigado, a partir do fim do século XIII, a centralizar, a hierarquizar e a se organizar com métodos políticos e ideológicos mais modernos. A noção de pátria aparece, mesmo nessa época este “expurgo” visava recolocar dentro de regras de comportamento dominante as massas camponesas submetidas muitas vezes aos mais ferozes excessos dos seus senhores, expostas à fome, à peste e à

guerra e que se rebelavam. E principalmente as mulheres. Era essencial para o sistema capitalista que estava sendo forjado no seio mesmo do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade, conforme constata a obra de Michel Foucault (1976), na obra *História da Sexualidade*.

Foi muito conveniente para esse sistema colocar as mulheres atreladas a sexualidade desenfreada, algo que colocaria em risco as futuras gerações conservadoras e já políticas estabelecidas, onde elas não tinham direitos e apenas deveres matrimoniais e a supremacia de fidelidade, gerando e cuidando da prole, lar e marido. Ou seja, habitas a sua única função, neste contexto – a de reprodução. Pegar fragmentos cristãos e religiosos para confirmar isso só deixava mais claro o grande medo que eles tinham de a mulher exercer algum tipo de poder socioeconômico diante de qualquer que fosse a esfera social.

De acordo com a feminista Irigaray (1993), nenhum lugar na História foi designado para as mulheres, elas acabavam por existirem na História através de metonímias, como possibilidade para os homens. As mulheres apareceram como representações exteriores de alguma coisa: monumentos de Justiça, Liberdade, Paz ou como objetos de desejos do homem. “A atitude em relação ao “segundo sexo” sempre foi muito contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade (Delumeau, 1989: 310,)”. Deirdre English e Barbara Ehrenreich, em seu livro *Witches, Nurses and Midwives* (The Feminist Press, 1973), nos dão estatísticas aterradoras do que foi a queima de mulheres feiticeiras em fogueiras durante esses quatro séculos:

A extensão da caça às bruxas é espantosa. No fim do século XV e no começo do século XVI, houve milhares e milhares de execuções - usualmente eram queimadas vivas na fogueira - na Alemanha, na Itália e em outros países. A partir de meados do século XVI, o terror se espalhou por toda a Europa, começando pela França e pela Inglaterra (Kraemer e Sprenger, 2017, p. 17).

Esta mudança no exercício do poder começou a ser desvelada por Michel Foucault, ao vislumbrar no fim do século XVIII, o nascimento de novas formas de gerenciamentos da vida, que passaram a incidir sobre reprodução, taxa de natalidade e mortalidade como indícios da apreensão da vida pela política e de uma gestão de “fazer viver e deixar morrer” (Em defesa da sociedade: curso no Collège de France 2010, p.129).

Tudo o que foi descrito anteriormente só deixa claro que a misoginia é um dos mais antigos preconceitos, que ao longo do tempo sempre foi estabelecido por leis, ordens de conduta de vigilância e punição. Mesmo depois de séculos em que a inquisição foi estabelecida, através do desejo capitalista de dominar o sexo feminino, continuamos convencendo os demais e as próprias mulheres que nelas existia uma força do mal, construindo uma alegoria maléfica consolidada com a figura da bruxa a suas atitudes mal vistas pela a sociedade como a busca pelo conhecimento, poder, ou igualdade entre os gêneros.

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

A prova de que essas atitudes continuaram perpetuando ao longo dos séculos foi a lei do filho único na China. No fim da década de 1970 era proibido, a qualquer casal, ter mais de um filho. Casais que tinham mais de um filho eram punidos com severas multas. Dentro dessa cultura o homem era o único que tinha capacidade de levar o nome da família a diante e cuidar dos pais na velhice, com isso o feminicídio e ódio pelas mulheres cresceu bastante, fora que as mulheres que tinham algum tipo de infertilidade eram jogadas à margem da sociedade pois não poderiam dar aos seus maridos a continuação e honra da família. Sendo assim inferiorizada na condição de mulher, não sendo qualificada nem a cuidar dos próprios pais idosos.

Se voltarmos para os nos 70, com efeito, encontraremos o seguinte enunciado: “Nosso corpo nos pertence”, dito por um grupo feminista que naquela época clamava pela liberdade do corpo feminino. Dois acontecimentos, separados por mais ou menos 40 anos, que na relação interdiscursiva se cruzam e criam a possibilidade de atualização, provocando um efeito de memória (COURTINE, 2009).

De que forma a inquisição usou a aproximação da mulher com a natureza na condenação a bruxaria

Mulheres foram torturadas e queimadas para servirem de exemplo e deixar claro os perigos das práticas e saberes à margem da Igreja e de outras instituições dominantes na Idade Moderna. O que elas tinham em comum era a proximidade com a natureza. A inquisição perseguiu mulheres que desenvolviam trabalhos de parteiras, curandeiras e carpideiras, muitas dessas mulheres não podiam ter filhos ou não desejavam se casar, então para fugir do assédio e da marginalização ou violência das comunidades em que nasceram, elas se escondiam em bosques e florestas, aprendiam sobre o lugar, estudavam as plantas e ervas medicinais que ali existiam e faziam uso delas.

Darcy de Oliveira (1991) em sua obra, *Elogio da diferença: o feminino emergente*, destaca o 'eco-feminismo' ou o 'feminismo da diferença' considerando que as mulheres teriam um lugar privilegiado na luta ecológica porque a vivência no mundo doméstico as protegeu da lógica produtivista e da cultura industrialista. A autora ressalta esse papel das mulheres ao afirmar que "quando a humanidade se dá conta da necessidade de retomar o diálogo com a natureza depois de um fracassado projeto de se desvincular dela ou de ignorá-la, talvez seja pela mediação do feminino emergente que esta retomada de contato se possa dar". Isto porque —“o diálogo com a natureza pressupõe um avanço que parece mais fácil às mulheres, que dela menos se distanciaram.

A personagem da bruxa, segundo Raven Grimassi (2001), ligava-se a agricultura nas fases lunares e era guardiã dos mistérios de nascimento, sexo e morte. O resultado de seu conhecimento lhe dava um lugar de poder em seu grupo social, mas a bruxa não era um apenas uma função exercida para a comunidade, era uma capacidade das mulheres que a sabedoria lhes outorgava. De acordo com Robert Fletcher (1896), as mulheres contribuíram com a fitoterapia catalogando e transmitindo conhecimento sobre ervas e suas funções. São, em muitas tribos, responsáveis por preparar as ervas alucinógenas usadas em beberagens ritualísticas para obtenção do estado de transe.

Sendo assim, elas foram vistas como um perigo para a profissão dos médicos que estava crescendo naquela época, mas que não poderia competir com os conhecimentos da natureza. Na época sem tanto avanço da medicina ou descoberta de medicamentos, o tratamento de ervas medicinais, partos e atenção ao recém-nascido e as temidas epidemias eram os principais serviços

nas comunidades mais simples e quem poderia saber melhor como cuidar do corpo de uma mulher do que a outra mulher, estabelecendo assim uma condição de confiança e cuidado com suas pacientes.

A inquisição caracterizou mulheres como seres diabólicos, através da representação fictícia do personagem Bruxa, imagem essa que até hoje se faz parte do imaginário popular e literário. No entanto essas em sua maioria mulheres exerciam o trabalho de curandeiras eram mulheres simples, porém mesmo assim elas tinham algum tipo de poder social diante das camadas sociais menos abastadas. Porque mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos, a mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, do poder de não só profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas (Delumeau, 311, 1989).

Segundo a autora Judith Butler em sua obra *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), as estruturas jurídicas contemporâneas engessam categorias de identidade nos termos da coerência exigida pela matriz heterossexual. Nesse sentido, reafirmar a identidade da “mulher” como sujeito do feminismo não estaria justamente contribuindo para manter a estabilidade das relações hierárquicas entre masculino e feminino que se estabelecem no interior dessa matriz? Além disso, a presunção de uma identidade feminina pode, inintencionalmente, excluir sujeitos que não se enquadram nas exigências normativas dessa categoria. Afinal, quem é “a mulher”? Como defini-la? Qualquer que seja a resposta, a definição levará a um engessamento identitário no interior das relações engendradas pelo sistema de poder-saber.

Tendo uma retratação inferiorizada desse sexo ele foi sendo firmado nos contos infantis através de caricaturas grosseiras e assustadoras para o imaginário do público: a visão de uma mulher que ajudava as pessoas com seus conhecimentos de cura através de ervas medicinais foi modificada pela figura da bruxa que tinha relações com o próprio diabo. Os teólogos firmaram essa imagem associando as escrituras sagradas com testemunhas de que as mulheres foram causadoras de danos e más influências aos homens, causando pragas e punições ligando a sexualidade à fé

Todo o mal que o Demônio provocava era o resultado de sua tentativa de assumir o controle sobre o mundo e poderia ser percebido no comportamento dos homens que ao caírem em tentação pecavam e reforçavam o poder do maléfico, enfraquecendo ao mesmo tempo a atuação de Deus. Para os homens da Igreja, as desgraças eram evidências de que Satã conduzia “com fúria seu derradeiro grande combate antes do fim do mundo” (DELUMEAU, 1989, p. 393).

Essa histeria religiosa também se embasava no mito de Lilith, a primeira mulher de Adão. Já não bastava atrelar a única culpa da expulsão do paraíso a mulher, também inflamaram a perspectiva da conduta feminina perante o ato sexual, onde o lugar do feminino é de submissão e da dominação masculina. Os movimentos feministas trouxeram a figura de Lilith agora como simbologia de empoderamento feminino, como forma de combater o histórico da opressão do masculino sobre as mulheres. Lilith não nasceu de uma costela do Adão, mas foi criada do mesmo modo que ele. Porém Deus usou fezes e imundície ao invés do pó puro. Lilith nasce logo após Adão junto com os répteis e demônios no sexto dia da criação. ((Livro Lilith, Sicuteritranscreve:1914GÊNESIS, 1969).

Os animais, de modo geral, realizam o ato sexual voltados um para as costas do outro: Adão já havia consumado sua relação com Lilith, o que bem representa o arquétipo da relação homem-mulher. No entanto, ela negava-se se submeter ao homem. No ato sexual, ela quer ficar sobre o Adão: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo? Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual”. Ela pede para inverter as posições sexuais para estabelecer uma igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Adão não aceita, ela deve estar simbolicamente sob ele, suportar o seu corpo.

Existe aí um imperativo que não se pode transgredir. A mulher não aceita esta imposição e se rebela contra Adão. É a ruptura do equilíbrio. Lilith se afasta pronunciando irritada o nome de Deus e acusando Adão. Este se sente abandonado e tem medo, a escuridão o oprime. Adão reclama para Deus. A mulher desafiou o homem e, portanto, o divino. Deus insiste para que ela volte, o desejo da mulher é para o marido, mas ela não obedece. Lilith é então transformada em um demônio, símbolo do pecado, da transgressão e da astúcia, condenada a um destino de sofrimento, mas também de sabedoria típica dos demônios ((Livro Lilith, Sicuteritranscreve:1914GÊNESIS, 1969).

Sentindo-se incompreendida e rebelando-se contra a dominação masculina, fugiu do Jardim do Éden para o Mar Vermelho. Negou-se a regressar quando os três anjos foram busca-lá. Por sua rebeldia foi convertida em demônio: “Lilith foi transformada em um demônio feminino, a rainha da noite, que se tornou a noiva de Samael, o Senhor do Mal” (LORAIA,1997, p. 151).

Essa construção de uma alegoria maléfica do feminino se contrapôs a imagem que existiam tradicionalmente nas culturas pré-cristãs que posteriormente foram chamadas de pagãs, onde a ligação do feminino com a natureza era vista como algo sagrado e benevolente induzindo a prosperidade. Campbell (1959) salienta que foram esculpidas em lugares semelhantes a altares, sem pés sugerindo que poderiam ser postas em posição de adoração sobre o solo. Entre 4500 a 3500 a.C., as estatuetas da Vênus foram encontradas em todo continente europeu, em sua maioria, em altares para uso doméstico (MISTÉRIOS DO DESCONHECIDO, 1995).

O feminino era exaltado e objeto de adoração e respeito justamente por ter uma ligação com a natureza, sendo assim um símbolo de fertilidade e prosperidade. A ele era dedicado enaltecimento com o arquétipo de sacerdotisa deusas e etc. Pois segundo a mitologia grega a natureza é feminina através do mito de Gaia, ela teria sido a segunda ordem da criação, a primeira teria sido o caos. Antes dela nada existia e tudo que se originou depois teria surgido dela. Ela seria a personificação da própria Terra, atualmente sendo utilizada na mídia para exaltar o poder do feminino, exemplo dessa ressalva é o clipe da música *God is Woman* (2018), da artista Ariana Grande. O vídeo dirigido por Dave Meyers, teve como conceito confrontar e questionar a narrativa do mundo escrito por homens, consolidada com suporte do cristianismo através da Bíblia e das obras de arte religiosas. Colocando Deus como uma Mulher, a cantora proporciona uma releitura da história da humanidade, por uma perspectiva feminina.

No entanto, a alegação formal instaurada pelo *malleus maleficarum* difamou essa imagem de adoração e respeito que o feminino consolidava nas religiões consideradas pagãs. A ideia da construção maléfica do feminino foi legitimada através dos preceitos ressaltados anteriormente de que Éva surgiu de uma costela torta de Adão. Logo ocorreu a associação que isso resultava na disposição moral da mulher de que não podiam ser retas em sua conduta ética. O ato sexual foi transmutado a um pecado e assim a sexualidade sendo o ponto mais vulnerável, aonde a mulher naturalmente é mais carnal que o homem, o que se evidencia pelas suas abominações carnis.

Nesse sentido, as mulheres agora tendo sua imagem construída em forma de uma alegoria maléfica do feminino e tendo sua aproximação com a natureza sendo considerada como ato criminoso, passaram a ser o alvo preferencial da Santa Inquisição. Pois levando em consideração a perspectiva negativista do futuro e do contexto histórico com pandemias e acontecimentos que foram vistos pelos religiosos como uma espécie de visão apocalíptica. No século 14, logo depois do surto de Peste Negra, foi dizimado um terço da população europeia e foi lido por líderes sacros como uma forma de punição pela leniência a heresias e comportamentos não cristãos, sendo isso uma obra indireta e direta de bruxas e de sua magia negra.

Percurso metodológico

Fazendo uso de levantamentos bibliográficos e documental a pesquisa foi realizada a partir do seguinte itinerário: Elaboramos um plano de trabalho que continha uma proposta de abordagem realista e exequível da temática, levando em consideração as seguintes ações: pesquisa bibliográfica levantamento bibliográfico considerando a literatura que analisa a figura das bruxas e que tenham relação com o objeto em questão, apropriando-nos das leituras a partir de resenhas, resumos e fichamentos, incluindo autores que contribuíram para a análise em questão, tendo eles contribuído em áreas como: análise do discurso. Quanto à análise dos contos infantis, pesquisamos os contos mais populares que tinham a bruxa como personagem, selecionamos obras que constroem a caracterização de uma alegoria maléfica da bruxa.

A pesquisa faz uso da análise do discurso de linha francesa, pois com o auxílio desse método científico o estudo procura encontrar as ideologias que norteiam os discursos em relação às bruxas. Tomando por base principalmente as contribuições teóricas de Foucault (1975), (1999), (2011), Pêcheux (2006), (1999) Courtine (2010); Bourdieu (2007), (1996), (2011).

A Análise do discurso consiste, assim, numa teoria de interpretação que não considera os textos como produtos acabados, mas como construções que podem suscitar várias possibilidades de leitura. Com efeito, não se busca aqui leituras uníssonas, interpretações evidentes ou sentidos verdadeiros ocultos. Conforme afirma Maingueneau (1984, p. 06), a análise do discurso diz respeito:

(...) a objetos ao mesmo tempo integralmente linguísticos e integralmente históricos. Com efeito, as unidades do discurso constituem sistemas, sistemas significantes, enunciados e, por essa razão, concernem a uma semiótica textual; mas concernem também à história que justifica estruturas de sentido” que se desenvolvem no texto (MAINGUENEAU, 1984, p. 06).

Utilizamos, para tanto, pesquisa qualitativa, análise discurso e estudos culturais. Os Estudos Culturais, de Gênero e identidade, aqui representados por Butler (2003), Scott (1995) e Hall (2006). Os estudos culturais são um campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais. Por meio, destes estudos será mais viável, observar o meio em que essas mulheres foram condenadas por bruxaria, sendo assim, o que está por trás dessa condenação e da representação dessa personagem nos anos seguintes.

O modo de abordagem é realizado pelo viés dos Estudos Culturais, campo de investigação de caráter interdisciplinar que considera o peso epistemológico que possui a Cultura, ou seja, sua “posição em relação às questões de conhecimento e conceituação, em como [...] é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo”, segundo discute Hall (1997, p.16). Dessa forma, acreditamos que essas vertentes teórico-metodológicas cumpram o propósito de desvelar relações entre prática social e linguagem, conforme se pretende guiar a análise do corpus.

Itinerário Teórico

Michel Foucault (2019), em a “História da Sexualidade (vol. 1), discorre sobre as consequências das implicações na sexualidade de indivíduos ditados pelo regime vitoriano (século XVIII e meados de XIX), que provocaram nos anos seguintes efeitos potenciais de ressignificação dos sexos aos sujeitos. Para o autor, o controle da sexualidade era a porta principal para o controle dos corpos dos indivíduos e isso tinha uma ligação direta com a Lei.

Eram as mulheres que presidiam as vigílias, as reuniões das comunidades aldeãs ao cair da tarde, nas quais se conservaram alguns modos tradicionais de transmissão cultural. Vigílias em que, junto ao relato de contos de terror e de bandidos, faz-se a crônica dos sucessos das aldeias, transmite-se uma moral de provérbios e partilham-se receitas medicinais que reúnem um saber sobre as plantas e o ciclo dos astros. A bruxa representa, junto com os levantes, segundo Michelet, um dos modos de expressão fundamentais da consciência popular (139, 2006).

Segundo Menschik (1977:132) as bruxas eram caracterizadas, principalmente, por mulheres de aparência desagradável ou com alguma deficiência física, idosas, mentalmente perturbadas, mas também por mulheres bonitas que haviam ferido o ego de poderosos ou que despertavam desejos em padres celibatários ou homens casados. Além disso, o fato dessas mulheres usarem seus conhecimentos para a cura de doenças e epidemias ocorridas em seus povoados acabou despertando a ira da instituição médica masculina em ascensão, que viu na Inquisição um bom método de eliminar as suas concorrentes econômicas, aliando-se a ela.

E como melhor forma de demonstrar como isso ocorre desde de a mais tenra idade, quanto aos contos infantis que já nasceram com a predominância de ensinar e produzir conceitos de comportamento para essas crianças quando se tornassem adultos. Sempre tirando o protagonismo e atrelando a forma feminina e até mesmo a condição de gerar vida a força do mal, algo que poderia ser maléfico e, portanto, combatido. Colocando as mulheres como bruxas, pois dentro de si, existia uma força maligna que elas eram incapazes de lidar sozinhas reagindo assim ao mal e deveriam ser punidas e vigiadas.

Segundo o famoso psicólogo e estudioso Neumann, pertencente ao contexto da psicologia profunda da cultura, em sua obra o medo do feminino (2000): Mesmo quando, em sociedades pré-patriarcais, as crianças do sexo masculino permanecem por longo tempo com os grupos de

mulheres e são modeladas por sua *participation mystique*, a experiência de dessemelhança é dada desde o início, ou de qualquer forma, a partir do ponto em que essas crianças percebem as diferenças entre os sexos.

Nesse movimento contínuo e ininterrupto no qual sujeitos e sentidos se constituem, segundo Pêcheux (1999 [1983]), a memória ocupa um lugar estrutural na produção do dizer, produzindo nos sujeitos discursivos a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento de determinados sentidos a partir dos enunciados propostos; possíveis porque, de acordo com o autor, a memória é “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999).

Sendo assim era mais conveniente colocar essas mulheres em “seu devido lugar” que segundo a igreja e patriarcado é de submissão e crença absoluta de que ali é onde ela deveria estar sua felicidade deve ser servir e gerar frutos dessa relação onde é majoritariamente preferível filhos homens que perdurem os mesmos pensamentos e acreditem que suas futuras companheiras devem ser tratadas como suas mães eram. Conquista de poder, conhecimento ou igualdade. Não são bem vistas a ambição de prestígio em qualquer carreira acadêmica ou profissional sempre foi temática.

E a tentativa do feminino de mudar seu lugar preestabelecido na sociedade de alguma forma nem que fosse se excluindo em bosques, florestas e natureza essa sociedade que punia e vigia. Conseguiu usar isso contra essas mulheres e seus esforços para obter qualquer tipo de conhecimento além do permitido por essa sociedade que tentaria a qualquer custo impedir essa mudança de poder. Algo que começou a ser desvelado por Michel Foucault ao vislumbrar no fim do século XVIII, o nascimento de novas formas de gerenciamentos da vida, que passaram a incidir sobre reprodução, taxa de natalidade e mortalidade como indícios da apreensão da vida pela política e de uma gestão de “fazer viver e deixar morrer” (2010, p.129). A pesquisa busca embasamento nos conceitos de gênero, linguagem e discurso, sexualidade e sexo e patriarcado dos teóricos: Foucault (1975,1999, 2011), Bourdieu (2007, 2011), Hall (2006), Butler (2003).

Ao longo da trajetória metodológica, a obra História do Medo no Ocidente (1989) do historiador francês Jean Delumeau, enriqueceu de forma significativa o conteúdo com a sua especialização em estudos sobre a história do Cristianismo. Sua obra demonstra como a mulher serviu como bode expiatório, sobre o qual "uns e outros exprimiam seu medo de subversão com a ajuda de um estereótipo há muito tempo constituído": a bruxa de olhar petrificante, mortal, enrijecedor. Personificação da atordoante felicidade do feminino, provocando ereções, causando

impotência e até retirando ilusoriamente o membro viril, as bruxas manejam amplamente as partes mais íntimas dos corpos, transitando por tudo aquilo que se denomina "os terrores do coito"

Irmãos Grimm

Com a figura da bruxa já estabelecida e espalhada no imaginário popular com a construção de uma alegoria maléfica do feminino isto foi sendo utilizado pelos pais para educar as crianças, os perigos que eles poderiam correr se desobedecessem a suas ordens e principalmente as meninas que ousasse contrariar a ordem social preestabelecida para elas - desde muito cedo elas já aprendiam a temer esse personagem e tudo relacionado a ela. Autores que contribuíram para tornar isso popular foram os irmãos Grimm.

Os dois irmãos de nacionalidade alemã foram acadêmicos, poetas e escritores. Ambos se dedicaram ao registro de vários contos infantis, ganhando assim grande notoriedade, essa que, gradativamente, tomou proporções globais. Também deram grandes contribuições à linguística, tendo os dois, trabalhado na criação e divulgação, a partir de 1838, do Dicionário Definitivo da Língua Alemã, que não chegaram a completar, devido às mortes entre as décadas de 1850 e 1860.

Segundo informações do site da editora Wish, em redação publicada em janeiro de 2022. Os irmãos Grimm são responsáveis pelo maior dicionário alemão da história. O Deutsches Wörterbuch é um dicionário diacrônico, ou seja, documenta o desenvolvimento de uma língua ao longo do tempo e registra a história da língua alemã e registros históricos até o idioma do século 20. Por meio de milhões de documentos e registros históricos e linguísticos, os irmãos Grimm, ao lado de dezenas de outros acadêmicos, começaram a compilar palavras e seus significados.

Assim como o registro das tradições orais por meio da publicação dos contos de fadas tradicionais, o Deutsches Wörterbuch foi responsável por unificar o alemão e representou uma forte identidade da Alemanha como nação que, na época, estava fragmentada em pequenos reinos. Filologistas se reuniam, por gerações, para dar continuidade ao trabalho iniciado pelos Grimm e, em 2016, 178 anos depois, foi concluído. Jacob e Wilhelm Grimm se tornaram mundialmente conhecidos pelos contos que imortalizaram, mas também contribuíram para a metodologia de coleta e documentação do folclore alemão. Foram figuras responsáveis por registrar histórias que, por muito tempo, ficaram restritas à tradição oral. Sua contribuição para o folclore europeu e para a literatura pode ser percebida pelas narrativas que continuam atravessando gerações, mesmo que elas se transformem ao longo do tempo.

Rumpelstichen, Branca de Neve, Cinderella, Rapunzel, A Bela Adormecida e muitas outras histórias podem ter uma cara diferente, hoje, mas nos remontam a tradições e narrativas ancestrais que continuam tocando pessoas ao redor do mundo

Segundo Jack Zipes o corpus dos contos que compõem o legado literário dos irmãos Grimm, são a terminologia “contos de fadas” (em alemão, Feenmärchen). Segundo o autor, a coletânea dos Grimm reúne contos maravilhosos em um sentido amplo, com lendas pagãs e religiosas (a partir de uma tradição judaico-cristã), anedotas, fábulas, contos mágicos (Zaubermärchen) e mitos, destinados a um público infantil e adulto (2014, p.05).

Sendo assim, esses contos poderiam caracterizar comportamentos e sentidos nas crianças que não tinham muito conceito literário até então para buscar mais conhecimentos sobre as temidas Bruxas, e os pais reforçavam o temor afirmando que se os filhos não fossem obedientes e comportados poderiam ser deixados em florestas para servir de alimentos a esse ser maligno que ali vivia. A caracterização da literatura fantástica, de acordo com Roas (2012) estabelece-se, essencialmente, por relatar situações e fenômenos que transgridam a concepção realista com narrativas impossíveis e inexplicáveis racionalmente. O autor ainda chama atenção para o efeito fundamental do fantástico: a transgressão do real (2012, p.117).

Esses autores representavam bem o que a personagem Go Moon Young, refletiu de que “um conto de fadas é uma fantasia cruel que descreve e ilustra a brutalidade e a violência deste mundo de forma paradoxal”. Ou seja, servindo para disciplinar e continuar o poder e o lugar do feminino e do masculino na história, de forma oral isso ia sendo estabelecido nas crianças, mesmo aquelas que não tinham acesso a estudos e livros. Poderiam reconhecer facilmente a construção de uma alegoria maléfica através da imagem do personagem fictício da Bruxa.

As bruxas nos contos infantis

Com base em tudo que foi retratado anteriormente, escolhemos mostrar como é tratada a imagem tanto física quanto moral da bruxa nos contos infantis, analisando como essa construção de uma alegoria maléfica do feminino ocorre desde a mais tenra infância. As obras escolhidas foram os três contos dos irmãos Grimm que tem a figura deste personagem como agente do mal. Os contos são: Rapunzel, João e Maria, e A bela adormecida.

Como nos adianta Babo (2016, p. 42), estas narrativas estão presentes em nosso imaginário e se expressam, em nós, em vários momentos cotidianos da vida, ainda que ninguém queira se ver como bruxa: “a luz e as trevas existem dentro de cada um de nós”. As imagens arquetípicas fazem sentido. “Façamos a chave girar, portanto, e adentremos o mundo encantado, buscando as origens dos contos e entendendo qual a verdadeira missão. Certamente, depois dessa experiência, não mais veremos nestas histórias, narrativas ‘tolas’ ou ‘infantis’”. E continuar a autora, “cada vez que uma luz brilhar, enxergaremos uma fada e cada vez que as trevas surgirem em nossa vida, saberemos que é obra de uma bruxa”.

A bruxa ainda hoje responde à imagem criada na tradição oral mais antiga, aquela das narrativas à beira do fogo, que dava corpo às fantasias e temores humanos, e que expressa um modelo praticamente universal. Em *As estruturas antropológicas do imaginário*, ao tratar dos símbolos nictomórficos do Regime Diurno, Durand (2012, p. 104) localiza na “Mãe Terrível” o modelo inconsciente de todas as feiticeiras, velhas feias e zarolhas, fadas corcundas que povoam o folclore de todos os povos.

A feiticeira, na prática literária, ilustra perfeitamente os avatares do mito. Instaurada, sacralizada ou vilipendiada, seja no plano das deusas ou no dos seres satânicos, ela reúne todos os extremos. A sua entrada no texto escrito foi aos poucos desencarnando-a e cristalizando-a sob os traços da máscara. É como se o encontro da mitologia céltica com a ocidental, confrontado com os sobressaltos da História, tivesse explodido o mito para tentar substituir um sistema judaico-cristão que se acreditava suficiente em si mesmo. Mas um certo número de crenças e práticas puderam infiltrar-se nos interstícios, um folclore de aspecto fragmentar, parcelas daqueles materiais míticos aos quais a cultura letrada recusou uma expressão mais total e adulta. (GABORIT; GUESDON; CAPONAL, 1997, p. 359)

Segundo (CALDIN, 2004) quando a criança se envolve no universo ficcional dos contos de fadas, assume a condição de participante ativa das histórias, pelo imaginário e o simbólico, encontrando no final feliz no gênero, a segurança de que as mazelas passam; o leitor, em uma nova experiência, assume novas posições, utiliza sua emoção e capacidade cognitiva, traduz suas emoções, e promove uma mudança em virtude do autoconhecimento.

Breve introdução sobre os contos infantis

A passagem dos contos de fadas, da oralidade, para a escrita, ocorreu nos séculos XVII e XVIII, na Europa, especialmente na Alemanha e na França, onde autores coletaram narrativas populares e adaptaram a elas elementos moralizadores, censurando a sexualidade dos contos adultos e integrando ao seu conteúdo figuras sobrenaturais, seres encantados, personagens do bem e do mal, e assim, possibilitaram à infância, de forma tímida, fazer-se leitora desses contos.

Os contos infantis, também conhecidos como contos de fadas, são os primeiros contatos com a literatura feitos pelas crianças e podem moldar sua percepção de alguma maneira sobre situações da vida real, pois possuem elementos subjetivos que proporcionam amplas interpretações e estudos. Os irmãos Grimm focaram suas obras nesse gênero, considerando os clássicos da literatura infantil. Os contos infantis nem sempre foram para crianças dormirem, quando foram inventadas serviam como uma forma de dar medo nas crianças para que elas não fizessem algo considerado errado, com muitas referências sexuais e de violência.

A bruxa tem sua retratação nessas obras como velhas doentes e horrendas de forma que a postura física cause horror, medo e assuste os pequenos leitores. Por outro lado, a bruxa pode ser bela, sedutora e ardilosa num disfarce para destruir o homem e a santidade cristã, alertando sobre a maldade existente nessa figura, desconstruindo assim totalmente a imagem antes positiva e benévola de mulheres que ajudavam outras mulheres espalhando conhecimento. Como visto anteriormente a religião associou o feminino com as escrituras sagradas ligando o corpo da mulher ao satânico. Culpando e usando de condenação sua ligação com o mundo natural e medicinal. No próximo capítulo iniciamos o estudo das obras e demonstramos de que forma a bruxa era representada em um formato de alegoria maléfica do feminino e os resultados dessa configuração nociva que ficou atrelada a imagem feminina, a pesquisa faz uso da coletânea Contos de fadas em suas versões originais, da Editora Wish (2020).

JOÃO E MARIA

No primeiro conto analisado, João e Maria dos irmãos Grimm, a personagem bruxa aparece com a sua já postura consolidada de uma velha, de aparência doente e portadora de algum tipo de deficiência física como mencionado anteriormente, isso é retratado na obra:



Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-verdadeira-historia-de-joao-e-maria.phtml>

“Então, a porta se abriu, e uma idosa surgiu, apoiando-se em uma muleta”.

E com atitudes perversas, desejo ávido de saciar sua fome comendo crianças inocentes:

“A velha, embora parecesse muito gentil, era na verdade uma perversa bruxa, que construiu a casinha para seduzir crianças. Uma vez que elas estavam dentro, a mulher as matava, cozinhava e as comia, o que era um dia de festa para ela.”

Essa imagem foi consolidada de tal forma que até hoje, séculos depois, quando pedimos para alguém ilustrar uma bruxa há uma grande probabilidade de que a figura imaginada seja, primeiramente, de uma mulher, velha, cansada, solteira, de cabelos brancos, com uma verruga no nariz, moradora de uma casa sombria, escura e possuidora de uma risada assombrosa, sendo essa a imagem que teve deste personagem quando criança.

O título original da obra dos irmãos Grimm era Hansel e Grete, segundo historiadores a história João e Maria teve sua origem no período medieval, por volta do ano 1315, quando a Grande Fome, que foi a primeira de uma série de crises sociais, atingiu a Europa e deixou milhares de mortos por toda a região.

Utilizando a coletânea João e Maria. Contos de fadas em suas versões originais, da Editora Wish (2020) foi possível observar o quanto é comum, praticamente natural que as histórias incorporem velhas senhoras como bruxas malvadas e solitárias. Essa relação pode ser feita tanto pela escrita, como pela ilustração, pois em livros infantis as crianças antes mesmo de conhecer as palavras são introduzidas às ilustrações, elas contam as histórias sem palavras, numa espécie de linguagem silenciosa, onde literalmente imagens falam mais que palavras. Com elementos característicos do inconsciente coletivo acerca de uma bruxa: a figura de uma velha com nariz grande, visão ruim, andar acompanhada com bengalas, paleta de roupas em tons escuros, dedos longos e magros e um visual sombrio, entre outros fragmentos que compõem essa personagem:

Ah, como eram terríveis os uivos da bruxa! Mas Maria não se apiedou e deixou a perversa arder miseravelmente. A menina correu para o seu irmão, abriu a porta da gaiola e comemorou:

— João, estamos livres! A bruxa velha está morta!



Fonte: <https://www.queridoclassico.com/2021/04/maria-e-joao-o-conto-das-bruxas.html>

A sociedade que vigia e pune de Foucault (1975), me parece tão bem representada neste trecho. Desde crianças esses indivíduos eram ensinados a vigiar e, quando tivessem a chance, punir essas mulheres que por aparência física velha, cansada e sozinha morando no bosque ou floresta eram caracterizadas como pessoas de má índole. Isso se confirma quando pedimos para alguém imaginar uma bruxa. Há uma grande probabilidade de que a figura imaginada seja, primeiramente, de uma mulher, velha, cansada, solitária, que vive nas florestas cometendo maldades e fazendo mal a quem se aproxima.

Toda fantasia é política, ou seja, a realidade mostrada nos contos infantis são um espelho da sociedade como nesse trecho destacado de João e Maria. Segundo Michel Foucault (1975) o direito de punir, tornou-se a defesa da sociedade, sendo assim os componentes deste tecido social não enxergam que foi o estado que desde a tenra idade moldou nas nossas cabeças com a noção de certo e errado (SOUSA, 2018, pág. 09).

Assim como as histórias que os pais alertavam seus filhos, de que existiam mulheres horrendas que viviam sozinhas nas florestas para cometer crueldades e firmar seus laços com o diabo. Essas ideias em torno da figura da bruxa foram produzidas criando uma alegoria maléfica do feminino sendo elas repletas de preconceitos e estereótipos, como por exemplo, o fato de uma mulher viver sozinha, ou ser idosa e não ter filhos ou netos, atrelado ainda ao uso negativo da velhice e doença. Mas no caso da mulher, essa era mal vista pela a sociedade por não ter contraído matrimônio, era inadmissível que uma mulher preferisse qualquer outra coisa na vida que não essa.

A brutalidade e violência retratada nos contos de fadas, como por exemplo, João e Maria que escaparam de ser comidos por uma bruxa canibal, sendo o canibalismo integrado a várias passagens da história e, assolou a Europa particularmente nos períodos de grandes fomes e crises. Em verdade, os livros infantis estão repletos de violência, crimes, crueldade e, principalmente, pobreza sendo a mulher a maior vítima dessa marginalização social. É observado que a personagem fictícia da bruxa sempre age numa espécie de agente do mal de vingança e inveja como poderemos observar nos próximos contos.

Na história de João e Maria se dá no seio de família paupérrima, que de tanta miséria resolve abandonar seus filhos nas florestas, pois os pais não conseguem mais alimentá-los. As pobres crianças vagaram por dias pela floresta escura e fria até finalmente encontraram a casa de uma bruxa antropófaga. Logo em seu prefácio, os autores, os Irmãos Grimm apontam que não se tratava de ficção e, sim, uma história baseada em fatos reais e que eram corriqueiros que eram o abandono de crianças em florestas e lugares inóspitos em pleno século XIX. Sendo assim os contos muitas vezes representavam histórias verdadeiras e, que não tinham sido escritos para as crianças por mero acaso, tal narrativas evidenciavam violência, crueldade, pedofilia, incesto, mutilação e até canibalismo, causando medo e terror. O quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso (MAINGUENEAU,1997, p.13).

RAPUNZEL

No segundo livro analisado, Rapunzel dos irmãos Grimm, também conhecida como Rapôncio é uma famosa biografia popular, adaptada pelos Irmãos Grimm e publicado pela primeira vez em 1815 e compilado no livro de Contos para Infância e para o Lar. É uma adaptação do diário Persinette escrito por Charlotte-Rose de Caumont de La Force e foi publicado originalmente em 1698. A história de vida de Rapunzel, uma jovem de longos cabelos da cor do ouro, aprisionada no alto de uma torre por uma bruxa vingativa.

O ápice da história acontece quando um príncipe encontra a torre de Rapunzel e passa a encontrá-la secretamente. A personagem bruxa aparece com a mesma postura de uma mulher idosa horrenda e solitária morando no campo. No entanto ela traz a soma de vaidade e inveja. No que diz respeito ao agente do mal no conto, a figura da bruxa dentro da narrativa, demonstra, ao mesmo tempo, amor e ódio por Rapunzel. Sendo a vingança e a inveja expressadas, levando em consideração que a juventude e beleza de Rapunzel sempre é mencionada como adjetivos de valor:

Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da feiticeira, desenrolava suas tranças e prendia os cabelos em um dos ganchos da janela. Assim, as tranças caíam até o chão e a feiticeira subia por elas.

No entanto, Gothel é descrita como uma velha de olhar maléfico e que sente inveja das qualidades atribuídas a menina. Em sua primeira aparição ela é descrita como assustadora:

Mas assim que pôs os pés no jardim, ele foi surpreendido pela feiticeira de aparência terrível que estava em pé bem diante dele.

Para Bourdieu, —as mulheres continuam separadas uma das outras por diferenças econômicas e culturais, que afetam, entre outras coisas, sua maneira objetiva e subjetiva de sentir e vivenciar a dominação masculina (BOURDIEU, 2011, p. 112). Isso pode ser observado na obra pois Rapunzel é descrita como jovem bela e bondosa e em outras adaptações como única filha de um casal dono de um reinado com pais amorosos em busca de sua filha, já a bruxa está num lugar social vulnerável socioeconomicamente e pouco atrativa para o sexo masculino, a mesma é velha, de aparência assustadora, com algum traço físico de lesão, sozinha e moradora de lugares isolados no campo, floresta ou bosques ou tem uma aparência mumificada que é escondida através de rituais de magia negra e absorção de vitalidade de outro ser humano. Colocando assim o feminino nesse lugar de comparação e atribuição de qualidades e defeitos referente a outra mulher.

Os contos como obra literária revela o contexto da sociedade da época, o modo de pensar e o comportamento social. Prestando-se também a continuas releituras, adaptando-as aos valores e necessidades de cada tempo, sendo assim se pensarmos quem sempre esteve ao longo da história inserida nesse contexto de vaidade, comparação e inveja foi o feminino. Montaigne chama-nos atenção para a necessidade de um indivíduo estar em constante comparação: “Seja o que for, artifício ou natureza, isso que nos imprime a condição de viver da comparação com outrem, faz-nos muito mais mal que bem” (MONTAIGNE, 1998, p. 19). Sendo assim, nos contos infantis em que a Bruxa é o ser maléfico da obra, em sua maioria é sempre a mulher que é colocada nesse lugar de inveja e vaidade e vingança como forma de punição como neste trecho:

“Em sua ira, agarrou as belas tranças de Rapunzel, envolveu-as em sua mão esquerda, pegou uma tesoura com a direita e, zip, zap, as tranças foram cortadas e caíram no chão. A mãe Gothel era tão impiedosa que levou a pobre Rapunzel para um deserto, onde ela teria de viver em grande sofrimento e miséria”.



Fonte: <https://twitter.com/JudeuQueEscreve/status/1453012442326392836/photo/1>

Segundo (BAUMAN, 2007) as relações entre vaidade, beleza e poder estão bem inseridas na sociedade. - Podemos observar que muitos desses aspectos atuais são colocados em evidência em algumas passagens dos contos de fadas como exemplo o conto “Rapunzel”. Os movimentos feministas evidenciam como isso é autodestrutivo para o feminino, e como isso é fruto da dominação masculina e os mecanismos que ela gera, ou seja, a ideia de que a mulher não pode possuir e nem consegue ter uma relação de afetividade, empatia e amizade com outra mulher esse conceito é conhecido como sororidade, uma união e a aliança entre mulheres, baseadas na empatia e no companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. Este conceito está fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática desse movimento de igualdade entre os gêneros.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis (BOURDIEU, 2011, p. 82).

Nessa obra o lugar da bruxa é retratado como uma mulher solteira, sem poder aquisitivo, em idade avançada e fisicamente medonha e com uma imagem assustadora. Rapunzel demonstra o oposto: a jovialidade, beleza, inocência, pureza e tem acesso ao amor romântico e platônico. É observado através da análise do lugar da mulher nesse roteiro escrito por homens que o patrimônio e filhos são sempre observados como uma espécie de poder simbólico. E a falta dele é viável a punição e desvalorização da vida dessa mulher, pois a mesma não está ocupando o lugar designado a ela na condição histórico social. Está profundamente envolvida no processo de representação. Assim, a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (HALL, 2006, p.71).

A BELA ADORMECIDA

Chegamos ao conto da Bela Adormecida, história que descreve as consequências de uma maldição lançada por uma feiticeira, para se vingar dos reis por não ter sido convidada para uma festa no palácio, a priori esse discurso demonstra como está mulher lida com a rejeição:

Existiam treze delas em seu reino, mas só havia doze pratos de ouro para elas comerem e, por isso, uma teve de ser deixada de fora.

No conto, a feiticeira lança uma maldição sobre uma princesa recém-nascida. A narrativa, em si, é muito subjetiva na caracterização do limite entre o bem e o mal, em razão de a bruxa ter revelado meios para que o feitiço fosse quebrado. Sendo esses um dos contos mais famosos da humanidade atualmente. A versão mais conhecida é a dos irmãos Grimm, publicada em 1812, na obra Contos de Grimm sob o título A Bela Adormecida (título original Dornröschen, “A Rosa dos Espinhos”).

A personagem principal por vezes descrita como uma bruxa, ou como uma feiticeira maligna, pune a criança para cair num sono profundo e mortal, sendo ela o agente do mal, enquanto os outros personagens são benevolentes e agentes do bem na história:

As mulheres sábias aproximaram-se para apresentar à criança seus presentes maravilhosos: uma concedeu-lhe virtude; outra, beleza; uma terceira, riquezas, e assim por diante, dando à menina tudo o que havia no mundo para se desejar.

Quando doze delas já haviam dito o que vieram dizer, surgiu a décima terceira, que não fora convidada, queimando de fúria e vingança. Sem cumprimentos ou respeito, gritou em alta voz:

— No seu décimo quinto aniversário, a princesa espetará o dedo num fuso de roca e morrerá!

Sem falar mais uma palavra, ela virou-se e deixou a sala. Todos estavam apavorados com tal agouro.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/494340496588211594/>

Denominada neste conto, também aparece a vingança e a inveja sendo expressas de uma maneira peculiar em “A Bela Adormecida”. Na maioria das versões é descrito que um príncipe encantado a desperte com um beijo provindo de um amor verdadeiro. Pois logo após a maldição de feiticeira má, uma das convidadas do rei lança uma espécie de contrafeitiço benevolente para amenizar o tido anteriormente:

Quando a décima segunda veio à frente, pois ainda não havia concedido o seu dom. Embora não pudesse acabar com a profecia maligna, poderia amaciá-la. Então, ela disse:

— A princesa não morrerá, mas cairá em um sono profundo durante cem anos.

A conclusão do feitiço lançado pela bruxa essa mulher tendo interpretado seu papel de agente do mal no conto infante:

De tempos em tempos, apareciam muitos filhos de reis que tentavam forçar um caminho através da sebe; mas era impossível, pois os espinhos entrelaçavam-se como mãos fortes. Os jovens acabavam sendo capturados por eles e, incapazes de se libertar, tinham uma morte lamentável.

Esses contos infantis são agentes responsáveis pela representação das identidades de cada indivíduo, porque: —a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida “a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 2006, p. 39). Além disso, todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos (Idem, p.71).

Assim, temos a representação do feminino nessa espécie de agente do mal, quando a mulher já transmutada no arquétipo da bruxa coloca em prática suas ações malignas e demoníacas corrompendo os preceitos morais e éticas da cristandade. Ela toma o lugar que os movimentos machistas e patriarcais denominaram a ela no dito campo social.

Segundo Bourdieu (2011) o campo social é um espaço determinado pelas pessoas que pertencem a ele e que possuem características e concordâncias às regras determinantes que regem este meio. O habitus é condição e condicionante do campo. Um indivíduo que não tem as características ou não consegue adaptar o habitus para o convívio em grupo será excluído do campo por não possuir pertencimento a esse.

O habitus possui características duráveis, mas não imutáveis, existe uma margem de adaptação possível, mas também limitada pela constituição singular na qual foram absorvidos em meios diferenciados e, gerando uma construção híbrida que permite o trânsito do agente por campos diversos, sempre respeitando as regras de cada um deles para conseguir com isso entrar no jogo. “O habitus é essa espécie de senso prático do que se deve fazer em dada situação - o que chamamos, no esporte, o senso do jogo...” (BOURDIEU, 2011, p.42)

Quando nos permitimos pensar na figura das bruxas nos contos infantis é um convite a seu deciframento simbólico alegórico a construção do que foi esse personagem atrelando o feminino a algo maléfico, através de discursos ideológicos, políticos e religiosos à desconstrução dos discursos instituídos pelo patriarcado em torno do seu arquétipo fabricado negativamente, e que visavam desempoderá-la atribuindo-lhe uma única face: a diabólica e má. Essa construção até hoje depende também da ignorância do sexo feminino, pois sem conhecimento prévio do seu lugar nos discursos o sexo masculino não poderia continuar no poder de legislações, tribunais e designar ou tirar direitos como o direito que temos de escolher o que fazer com nosso próprio corpo. Mesmo sem nenhuma justificativa, homens continuam nessa posição de poder e colocando mulheres umas contra as outras. Numa espécie de julgamento público onde muitas vezes elas são as vítimas e as submetidas a esse tipo de comportamento. Em decorrência dessa dominação masculina as mulheres a muito tempo buscam afirmar sua identidade na sociedade em que se pese essa busca pelo reconhecimento da identidade, não possuir começo meio e fim, pois se trata de uma infinita que está sempre em desenvolvimento (BAUMAN, 2005, p.16)

Desse modo a frase recorrente utilizada em marchas feministas “Somos as netas de todas as bruxas que vocês não conseguiram queimar”, diz muito sobre quem foi este personagem e o porquê de a bruxa sempre ser associada a coisas ruins, a busca por ascensão e poder, algo que é até hoje, visto como nocivo a personalidade feminina. Sendo assim a bruxa foi a vilã de todas as histórias, sendo o agente do mal em diversos contos infantis, quem acabava com o amor e corrompia a fé cristã. A bruxa é aquela que deveria ser vigiada e ter sua punição através da morte assistida para servir de exemplo, pois ela continuando a existir colocaria em risco as futuras gerações de uma política masculina que contribui para desejos masculinos.

Mulheres que ousaram não se adequar a esse modelo político social ou que sem uma previa noção estavam em lugares desfavorecidos economicamente e que de certa forma não fazendo parte da santidade da família cristã dos bons costumes e do seu lugar de submissão eram favoráveis a severas condenações. Pois seus comportamentos de certa forma eram uma ofensa a cristandade e benevolência do bem comum. Colocando a ordem dos sistemas políticos e econômicas em risco.

Ou seja, as mulheres que foram condenadas a bruxaria tiveram seus corpos e comportamentos moldados numa espécie de construção maléfica do feminino atrelando isso a comportamentos mal vistos e numa tentativa de causar uma espécie de ruptura no tecido social. Mulheres antes vistas como para reprodução e cuidado da prole, poderiam futuramente estudar, exercer profissões de alto escalão, serem detentoras de algum tipo de poder aquisitivo, podendo ter a opção de não querer contrair matrimônio e ter filhos. Desde as escrituras sagradas esse tipo de comportamento já era permissível de punição e durante a idade média e início da idade moderna isso não foi diferente

CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos demonstrar como surgiu e quem construiu o personagem da bruxa, sendo ele representado numa espécie de construção de uma alegoria maléfica do feminino, ancoradas em autores que sustentavam a linha de raciocínio como: Butler, Scott e Delumeau. Após o estudo de como a mulher foi transmutada na figura da bruxa numa espécie de alegoria maléfica, isso foi analisado a partir dos contos infantis dos irmãos Grimm. Por fim, na análise dos contos observamos que os autores demonstravam a mulher no personagem das bruxas com posturas éticas e morais baseados nos discursos e da herança cultural descrita ao longo do estudo. Esta pesquisa buscou analisar os conceitos de gênero, linguagem, discurso, sexualidade, sexo e patriarcado, presentes nos pensamentos dos autores como: Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Hall.

Para que possamos compreender melhor esse cenário, retornamos ao período dos movimentos de caça às bruxas. Segundo dados do site Uol, em redação publicada em 24/12/2020. O Brasil não ficou de fora disso, pois durante os séculos 17, 18 e até 21 mulheres foram acusadas de feitiçaria no país, sendo a mais conhecida delas Mima Renard ela foi uma mulher franco-brasileira. Mima era descrita com uma beleza encantadora, viúva muito cedo ela veio ao Brasil, porém em estado de vulnerabilidade socioeconômica sem parentes ou algum tipo de conhecimento prévio do local, ela teve que se prostituir para sobreviver e nesse momento as outras mulheres casadas e com ciúmes dos maridos começaram a espalhar comentários que Renard fazia feitiços para atrair os homens e conseguir toda aquela beleza. Com isso elas conseguiram que Mima fosse queimada em uma fogueira no ano de 1692, na vila de São Paulo, durante o período de caça às Bruxas no país.

Para Foucault (2001), a sexualidade burguesa, comparada às demais é marcada pela repressão intensa, apresentando-se como modelo para todas as camadas sociais. A sexualidade passa a ser vista como a chave para a compreensão da individualidade, ou melhor, o que constitui a própria individualidade. A partir do séc. XIX, o dispositivo de sexualidade vai fixando-se na forma da família, lugar obrigatório do afeto e dos sentimentos de amor. A célula familiar recebe uma intensificação na sua valorização, desde o séc. XVII, em duas direções: o eixo pais e filhos e o eixo marido-mulher. Emerge toda uma teorização médica em torno do corpo feminino, da precocidade da sexualidade infantil, da regulação dos nascimentos e da especificação dos atos

perversos. Portanto, o papel da família é o de fixar a sexualidade e, ao fixá-la, constituir o seu suporte permanente.

Outra mulher que foi acusada e condenada por bruxaria para o mantimento desse poder e que também se adequava em uma situação socioeconômica - vulnerável estando assim a margem da sociedade burguesa, foi Isabel Pedrosa de Alvarenga. Fizeram uma denúncia contra a mulher, alegando que ela tinha um saco contendo umbigos de crianças, panos com sangue, bicos de pássaros e tufo de cabelo. Tudo isso seria para fazer rituais de magia negra, não muito diferente de acusações vistas anteriormente para se livrar de mulheres que viviam em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que não tinham filhos e não contraíram matrimônio. Colocando em questão o fato de que em 1750, ela foi condenada por esse crime. Acredita-se que, na verdade, Isabela tenha sido uma mulher muito pobre que vivia nas ruas pedindo comida e esmolas.

Mais uma personagem desse triste cenário foi Ursulina de Jesus, nesse contexto ela foi acusada pelo próprio marido Sebastiano de Jesus, um homem com certa relevância em São Paulo, com prestígio e poder aquisitivo. Ursulina foi julgada e condenada por heresia e bruxaria no ano de 1754. Neste ano, ela ainda foi assassinada em uma fogueira pública. Sebastiano havia acusado a mulher de tê-lo deixado estéril com o uso de magia negra, argumento esse que foi muito utilizado e pode ser visto até hoje em camadas sociais com menos conhecimento científico, pois durante muito tempo era intitulado apenas a mulher como estéril sendo essa criminalizada e totalmente culpada por não poder cumprir seu papel e dever de gerar filhos dessa relação.

O problema foi que a amante do homem na época, Cesária, ainda confirmou a acusação, testemunhando junto com ele no tribunal contra Ursulina. Mais uma ressalva das reflexões anteriores onde os homens faziam uso dos movimentos conservadores e cristãos para se livrar das esposas e poder reconhecer uma nova relação perante a sociedade. Inclusive igualmente, confirmação de reflexões anteriores foi o caso de Maria da Conceição, a mesma tinha incríveis conhecimentos sobre ervas medicinais.

A mulher usava as técnicas naturais que dominava para ajudar pessoas doentes na região. O ano era 1798 e, como quase todas as mulheres ligadas a esse tipo de sabedoria, Maria terminou na fogueira. Também em São Paulo, um padre chamado Luís acusou-a de heresia e bruxaria, provavelmente pelo seu envolvimento com os doentes, o qual o religioso era radicalmente contra. Ela foi morta em uma execução pública no centro de São Paulo, próximo ao Convento de São Bento. Maria foi punida severamente segundo as políticas e preceitos religiosos por buscar algum

tipo de poder social e conhecimento, coisas que não pertenciam ao comportamento exigido pela a sociedade conservadora para uma mulher.

A Igreja, ao impor normas, opera a função denominada por Bourdieu de “ato de autoridade”, através do qual ela institui a lei de Deus a seus filhos, fazendo-os compartilhar um núcleo “natural” e ordenado por uma instância divina em suas relações étnicas, sociais, de crença e de gênero. Isto justifica e autoriza todos os seus atos, porque “Instituir, atribuir uma essência, uma competência é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser. É fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade.” (BOURDIEU, 1996, p. 100).

Por fim ao último caso, reflete essa herança opressora e discriminatória em que o feminino foi induzido e encurralado a permanecer e obedecer. Sendo esse um caso recente em relação aos anteriores mencionados. Todavia tendo o mesmo modo operante, mas numa outra época somos introduzidos ao cenário do caso de Fabiana Maria de Jesus, diferentemente dos casos das mulheres anteriores, ocorreu no século 21 — ou melhor, em 2014. Através de algumas Fake News, algo não muito diferente das acusações falsas feitas por apoiadores da inquisição faziam na idade moderna.

Esses boatos estavam circulando na comunidade de murrinhos onde Fabiana morava, no Guarujá, litoral de São Paulo, moradora de um subúrbio e com uma renda simples, Fabiana era dona de casa e seu marido porteiro. Os rumores que tiraram a vida da vítima alegavam que ela fazia rituais de magia negra envolvendo crianças. O boato de que ela sequestrava crianças para realizar a bruxaria fez com que ela fosse morta em um linchamento público. Mais de 100 pessoas participaram do ato criminoso. A mulher não teve a menor condição de se defender, a mesma tinha 33 anos e tinha duas filhas, uma de doze anos e uma bebê de menos de um ano de idade.

Essa memória de uma opressão machista e visão maléfica do feminino contribuiu para que o Brasil chegasse a taxa de feminicídio de 4,8 para 100 mil mulheres – a quinta maior no mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, apenas em 9 de março de 2015, foi publicada a lei 13.104/15, que alterou o artigo 121 do Código Penal Brasileiro, passando a prever o feminicídio como circunstâncias qualificadoras do crime de homicídio.

Segundo Pêcheux (1999 [1983]), a memória ocupa um lugar estrutural na produção do dizer, produzindo nos sujeitos a lembrança ou o esquecimento, a reiteração ou o silenciamento de determinados sentidos a partir dos enunciados propostos; possíveis porque, de acordo com o autor, a memória é o “espaço móvel de disjunção, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização, um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra – discursos” (PÊCHEUX, 1999).

A violência sofrida por esse gênero, atualmente, é caracterizada como um problema social grave, pois esse tipo de violência sendo concebido como violação dos direitos humanos, direitos esses que não existiam quando as mesmas eram queimadas vivas em praça pública. Pois, mesmo a mulher tendo saído do lar e ganhando o mercado de trabalho e conseqüentemente a luta por igualdade de direitos. Ainda existe a interiorização e herança histórica de marginalização do feminino que foi retratada nos contos infantis.

Contudo os contos analisados deixam bem claro a '*Zeitgeist*' que é um termo alemão que significa, espírito da época se referindo ao clima intelectual e cultural. Tudo o que tem um começo tem um fim. Mas isso não quer dizer que o que serviu de inspiração para essas obras literárias ao referencial da marginalização do feminino através do arquétipo da bruxa tenha acabado, pois para uma coisa iniciar não indica necessariamente que a outra acabou, vivemos isso na pós-modernidade, no qual ainda trazemos referências e hábitos trazidos da Idade Média, por exemplo. Como foi refletido no trabalho a herança patriarcal e machista continuou a moldar pensamentos patriarcais e ações opressoras ao longo do tempo, referentes ao sexo feminino.

Por fim este trabalho responde minha curiosidade pelas bruxas e o fascínio pela a sua busca de poder e ascensão que eu sempre tive nessa personagem, respondendo de forma científica o porquê elas foram atreladas a uma espécie de ser maligno e ruim. Ficou claro que a contribuição através dos discursos instaurados deixou uma herança histórica e cultural muito forte moldando pensamentos e comportamentos que não podem ser dispersos de uma hora para a outra, porém se nos permitimos conhecer a história compreender como ela foi criada e com qual propósito estabelecida, podemos iniciar uma reconstrução dando início a uma nova linhagem através das nossas próprias atitudes na hora de votar em políticas públicas pois: "Não foram as bruxas que queimaram. Foram mulheres!" (FIA FORSTRÖEM, 2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

BIBLIOTECA, Prof. Lydio Machado de Melo. Universidade Federal de Minas Gerais: **A verdade sobre os contos de fada** (2021). Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=4706>

A Bíblia Sagrada, Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília, 1969

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BOURDIEU, Pierre, **Economia das trocas simbólicas**, no texto **Sistemas de ensino e Sistemas de pensamento**, Bourdieu (2007)

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4300332/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20A%20domina%C3%A7%C3%A3o%20masculina.pdf

BASSO, Paola, Rio Grande do Sul, **Bruxas: figuras de poder** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brazil (2005). Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/HqZwyqV5PwdyYL5Pz5bnLBG/?lang=pt>

<https://www.geledes.org.br/somos-netas-de-todas-bruxas-que-voces-nao-conseguiram-queimar/>

BABO, Carolina Chamizo Henrique. **Era uma vez: a reinvenção dos contos de fadas**. Curitiba: Appris, 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **O bibliotecário, a criança e a literatura infantil: algumas ponderações**. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 6, n, 1, p. 111-128, 2001.

CARDINI, Franco. **Magia e bruxaria na Idade Média e no Renascimento**. Psicol. USP v.7 n.1-2 São Paulo 1996

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

EHRENREICH, Barbara & ENGLISH, Deirdre. *Hexen, Hebammen und Krankenschwestern*. 11. Auflage. München: Frauenoffensive, 1984.

FOUCAULT, Michel Foucault, **vigiar e punir** (1975). https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf

FOUCAULT, Michel - **A ordem do discurso** (1970).pdf - Moodle UFSC. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1867820/mod_resource/content/1/FOUCAULT%2C%20Michel%20-%20A%20ordem%20do%20discurso.pdf

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A Vontade de Saber. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976).

GABORIT, Lydia; GUESDON, Yveline; CAPORAL, Myrian Boutrolle. As feiticeiras. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: UnB/José Olympio Editora, 1997.

HALL, Stuart **A identidade cultural na pós – modernidade** (2006) Disponível em: <https://leiaarqueologia.files.wordpress.com> >

KRAMER, Heinrick; SPRENGER, Jacobus. **Manual da Caça às Bruxas –MalleusMaleficarum**. Editôra Três. São Paulo, 1976

Livro Lilith, Sicuteritranscreve: **1914GÊNESIS**, 1969

MENSCHIK, Jutta. *Feminismus, Geschichte, Theorie und Praxis*. Köln: Verlag Pahl-Rugenstein, 1977.

Malleus Maleficarum - versão online de texto em latim e páginas digitalizadas de Malleus Maleficarum publicada em 1580. Tradução: Alex H.S. Brasil – 2007

MURARO, Rose Marie **O Martelo das Feiticeiras** Malleus Maleficarum (1484)

Breve

Introdução

Histórica: <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/mundo/feiticeira/introducao.html>

NEUMAN, Erich. **O medo do feminino** (2000). Disponível em:

<https://pt.br1lib.org/book/11105420/8fa271>

O GLOBO, Economia. Apesar de serem maioria no setor de saúde, mulheres em cargo de chefia ganham 37% do salário dos homens (2021)

PÊCHEUX, Michel. **E a teoria da análise de Discurso:** desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva (2011).

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso** (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 [1969].

FLETCHER, Robert M.D., The Witches Pharmacopoeia. Baltimore: Friedenwald, 1896.

GRIMASSI, Raven. Os Mistérios Wiccanos. 2ª Ed, São Paulo: Editora Gaia, 2001.

ROAS, David. **História De Lo Fantástico** (2012)

SOUSA Michelle Costa, Análise sobre o filme Matrix. Universidade Federal do Maranhão (2019).

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica** (1995). Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>

SORJ Bila. **O feminino como metáfora da natureza** (1992). Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15806/14299>

UOL, Mulheres mortas no Brasil durante a santa inquisição (2020). Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/5-mulheres-que-foram-acusadas-e-mortas-por-bruxaria-no-brasil.phtml>

WISH, Editora Laura Brand, publicado em (2022). Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/novidades/quem-foram-os-irmaos-grimm>

WISH, Editora. **Contos de Fadas** em suas Versões Originais (2020). Disponível em:



Contos de Fadas
em suas Versões Ori

ZIPES, Jack David. A Second Gaze at Little Red Riding Hood's Trials and Tribulations. *The Lion and the Unicorn* 7–8 (1983–84): 78–109. Disponível em. Acesso em 09 de maio de 2015.